

UMA TRADUÇÃO DE “A BIRD OF BAGDAD”, DE O. HENRY¹

A TRANSLATION OF O. HENRY’S “A BIRD OF BAGDAD”



Juliana STEIL

Professora

Universidade Federal de Pelotas

Unidades e Cursos de Graduação

Centro de Letras e Comunicação

Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/5586916987453183>

<https://orcid.org/0000-0002-7336-0299>

julianasteil@gmail.com

Ana Paula Chamorro BONOW

Doutoranda

Universidade Federal de Pelotas

Centro de Letras e Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Letras

Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/9592604898555056>

<https://orcid.org/0009-0003-0237-9165>

anapaulabonow@hotmail.com

Resumo: Este artigo apresenta uma tradução do conto “A Bird of Bagdad” (1910), de O. Henry, para o português brasileiro. O. Henry tornou-se popular ao escrever sobre pessoas comuns, e ambientou muitos de seus contos na cidade de Nova York. “A Bird of Bagdad” é bastante representativo tanto do estilo de O. Henry quanto de sua temática nova-iorquina. Publicado originalmente na coletânea *Strictly Business: More Stories of the Four Million* (1910), o conto em questão traz a história do proprietário de um pequeno restaurante que sai à noite em busca de emoção — de desconhecidos com casos interessantes para contar e aos quais possa oferecer ajuda. Em uma de suas caminhadas, encontra um jovem que precisa solucionar um enigma. A presente tradução preocupa-se com refazer as particularidades das falas das personagens em diálogo, que cumprem um papel importante no efeito humorístico do conto, e o jogo de palavras que compõe o enigma, elemento crucial no desenvolvimento do enredo.

Palavras-chave: O. Henry. *Strictly Business*. “A Bird of Bagdad”. Tradução literária.

Abstract: This article presents a translation of the short story “A Bird of Bagdad” (1910), by O. Henry, into Brazilian Portuguese. O. Henry became famous for writing about ordinary people, and with stories set in New York City. “A Bird of Bagdad” is representative of both O. Henry’s style and his New York theme. Originally published in the collection *Strictly Business: More Stories of the Four Million* (1910), the short story in question tells the story of the owner of a small restaurant who goes out at night in search of excitement — of strangers with fascinating stories to tell and to whom he can offer help. One day, while doing one of his walks, he meets a young man who needs to solve a riddle. The present translation is concerned with recreating the particularities of the characters’ speeches in dialogue, which play an important role in the humorous effect of the story, and the wordplay that makes up the riddle, a crucial element in the development of the plot.

Keywords: O. Henry. *Strictly Business*. “A Bird of Bagdad”. Literary translation.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

William Sidney Porter, mais conhecido por seu pseudônimo O. Henry, nasceu em 11 de setembro de 1862, na cidade de Greensboro, na Carolina do Norte. O. Henry costuma ser lembrado por seus contos, pelos quais ganhou notoriedade durante sua vida na cidade de Nova York, para onde se mudou depois de passar três anos na Penitenciária de Ohio por desfalque a um banco no qual trabalhava no Texas, um crime que sempre negou. Diz-se que sofria de alcoolismo, vindo a falecer em decorrência de cirrose, entre outras complicações, aos 47 anos, em 5 de junho de 1910². O obituário publicado no *The New York Times* aponta O. Henry como um dos melhores contistas dos Estados Unidos³. Em sua homenagem, foi criado o *O. Henry Award*, uma importante premiação concedida anualmente a contistas dos EUA e do Canadá desde 1919.

A contística de O. Henry é formada por centenas de textos, incluindo o famoso “The Gift of the Magi”⁴, que chegou a ser adaptado para o cinema⁵. O. Henry tinha um estilo espirituoso, e o final de reviravolta era um de seus recursos favoritos, sendo hoje considerado uma marca de sua narrativa. Tornou-se popular ao escrever sobre pessoas comuns, e ambientou muitos de seus contos em Nova York, a cidade movimentada e cosmopolita que apelidou de “Bagdá com Metrô” (Sauer, 2019). Em resposta a uma celebridade social que afirmava que havia apenas 400 pessoas dignas de atenção em Nova York, o contista publicou *The Four Million* (1906), coletânea de histórias inspiradas nos habitantes da cidade. “A Bird of Bagdad”, cuja tradução apresentamos neste trabalho, é bastante representativo tanto do estilo de O. Henry quanto de sua temática nova-iorquina⁶.

O conto “A Bird of Bagdad”, publicado originalmente na coletânea *Strictly Business: More Stories of the Four Million* (1910), traz a história do proprietário de um pequeno restaurante que sai à noite em busca de emoção — de desconhecidos com casos interessantes para contar e aos quais possa oferecer ajuda. Em uma de suas caminhadas, encontra um jovem em crise já desistindo de solucionar um enigma proposto por seu patrão em uma correaria, tarefa que era a sua esperança de obter permissão para casar-se com a filha do correio. Ao longo do texto há alusões às *Mil e uma noites*, referência frequente na obra de O. Henry. Em nossa tradução, consideramos importante refazer as particularidades das falas das personagens em diálogo, que cumprem um papel de relevo no efeito humorístico do conto, e também o jogo de palavras que compõe o enigma, elemento crucial no desenvolvimento do enredo.

UMA AVE DE BAGDÁ⁷

Sem dúvida, muito do espírito e do gênio do Califa Harun Al Rashid estava no Marquês August Michael von Paulsen Quigg.

O restaurante de Quigg fica na Quarta Avenida —aquela rua que a cidade parece ter esquecido ao crescer. A Quarta Avenida —nascida e criada na Rua Bowery— cambaleia ao norte cheia de boas resoluções.

Por um instante, no cruzamento com a Rua Catorze, ela desfila orgulhosamente no esplendor dos museus e teatros baratos. Pode ainda tornar-se uma parceira à altura para sua bem-nascida rua irmã a oeste, ou para a sua prima barulhenta, poliglota e espaçosa a leste. Ela passa pela Union Square; e aqui os cascos dos cavalos de tração parecem retumbar em unísono, lembrando o som de tropas em marcha —Viva! Mas logo vêm as terríveis e silenciosas montanhas —prédios quadrados como fortalezas, altos como as nuvens, bloqueando o céu, onde milhares de escravos se debruçam nas escrivatinhas o dia inteiro. Nos andares térreos, há apenas pequenas quitandas, lavanderias e livrarias, onde se veem exemplares da *Littell's Living Age* e dos romances de G. W. M. Reynold nas vitrines. E em seguida —pobre Quarta Avenida!—, a rua desliza para uma solidão medieval. Dos dois lados há lojas dedicadas a “Antiguidades”.

Digamos que era noite. Homens de armaduras enferrujadas ficam nas vitrines ameaçando os carros apressados com as manoplas de ferro enferrujado para cima. Cotas de malha e elmos, bacamartes, couraças cromwellianas, fechos de mecha, crises, além das espadas e punhais de um exército de valentes pra lá de mortos emitiam um brilho mortiço na luz fantasmagórica. Aqui e ali, saindo de algum *saloon* de esquina (iluminado com *Jack-o'-lanterns* ou fosforescente), cidadãos cambaleantes voltavam para casa, encorajados pelo caneco a seguirem sua temível jornada que era descer aquela insólita avenida ladeada de armas manchadas de sangue dos combatentes mortos. Que rua poderia viver cercada por estas relíquias macabras, e sendo percorrida por estes cidadãos espectrais em cujos corações deprimidos mal restava um belo uhul, um laiá-laiá?

Não a Quarta Avenida. Não depois das glórias fajutas, mas vivificantes, da Pequena Rialto —não depois da batucada ressonante da Union Square. Não há necessidade de lágrimas, senhoras e senhores; trata-se apenas do suicídio de uma rua. Com um grito e um estrondo, a Quarta Avenida mergulha de cabeça no túnel da Trinta e Quatro e nunca mais é vista.

Próximo da triste cena da dissolução daquela avenida ficava o modesto restaurante de Quigg. Ele ainda existe, se você quiser ir ver sua fachada deteriorada de tijolos vermelhos, sua vitrine entulhada de laranjas, tomates, bolos de camadas, tortas, aspargos enlatados — sua lagosta de papel machê e dois gatos malteses dormindo sobre uma cabeça de alface — se quiser sentar-se em uma das mesinhas cujas toalhas exibem, nas amareladíssimas manchas de café, o rastro do avanço japonês — sentar-se lá com um olho no seu guarda-chuva e outro na garrafa falsificada de onde se verte a imitação de molho que nos é empurrada pelo maldito charlatão que se considera nosso prezado e velho senhor e amigo, o “Nobre da Índia.”

O título de Quigg vinha do lado de sua mãe. Um dos antepassados dela foi uma Marquesa da Saxônia. O pai de Quigg foi um afiliado da Tammany. Devido à diluição de sua influência hereditária, percebeu que não conseguiria nem se tornar um potentado reinante nem arranjar um emprego na Prefeitura. Então abriu um restaurante. Era um homem de muita reflexão e leitura. O negócio lhe dava o sustento, embora não se dedicasse muito a ele. De um lado da família, herdou uma aventura poética e romântica; do outro lado, o espírito incansável de ir em busca de aventura. De dia era Quigg, dono de restaurante. De noite era o Marquês — o Califa — o Príncipe da Boêmia — que andava pela cidade à procura do peculiar, do misterioso, do inexplicável, do recôndito.

Certa noite, às 21h, horário em que o restaurante fechava, Quigg deu início à sua busca. Havia um misto de estrangeiro, de militar e de artístico em sua aparência quando ele abotoava seu casaco até a barba castanha e grisalha e seguia a oeste em direção aos dutos vitais mais centrais da cidade. Jamais saía para a rua sem levar no bolso um punhado de cartões. Cada um desses cartões trazia escrito um valor a ser utilizado como cortesia em seu restaurante. Alguns indicavam apenas uma tigela de sopa ou sanduíches e café; outros davam direito a um, dois, três ou mais dias de refeições completas; uns poucos eram para uma única refeição simples; uns raros eram, de fato, vales-refeição válidos por uma semana.

Riqueza e poder, o Marquês Quigg não tinha; mas tinha o coração de um califa — era de se dar um desconto que ele não tivesse a mesma cabeça de Harun Al Rashid. É possível que algumas moedas de ouro tivessem causado menos conforto e esperança aos queixosos nos bazares de Bagdá do que o guisado de carne de Quigg havia proporcionado aos pescadores e calenderes caolhos de Manhattan.

Enquanto prosseguia sua busca por histórias interessantes, ou de alguma dificuldade que ele pudesse ajudar a resolver, Quigg notou o alarido de uma multidão que se formava rapidamente como um alvoroço de briga numa esquina da Broadway com a avenida que ele

estava percorrendo. Acelerou o passo até o local e avistou um jovem, que parecia extremamente melancólico e preocupado, entretido no passatempo de jogar as moedas que tinha nos bolsos no meio da rua. A cada movimento da mão daquele sujeito generoso, a multidão amontoava-se e gritava de alegria em cima do altruísmo cadente. O trânsito foi interrompido. No centro da aglomeração, um policial quase ia ao chão enquanto insistia para as pessoas desbloquearem a passagem.

O Marquês logo viu que ali havia água para a sua sede, pois conhecia os comportamentos anormais do coração humano. Aproximou-se imediatamente do jovem e o pegou pelo braço. “Vem comigo,” disse ele, com aquela voz baixa e ao mesmo tempo imponente que seus garçons haviam aprendido a temer.

“Beliscado,” observou o jovem, levantando os olhos inexpressivos para o Marquês. “Beliscado por um dentista indolor. Me leva embora, gambé, e me dá gás. Algumas botam ovos e outras não botam nada. Quando é uma galinha?”

Ainda fortemente tomado por alguma dor interior, mas manejável, o jovem permitiu que Quigg o conduzisse pela rua até um pequeno parque.

Ali, sentado num banco, ele, sobre quem havia caído uma ponta do manto do grande Califa, conversava com gentileza e discrição, procurando saber que mal se havia apoderado do outro, perturbando sua alma a ponto de levá-lo àquele insensato desperdício de recursos.

“Eu tava encenando o ato de Monte Cristo adaptado por Pompton, N. J., não tava?”, perguntou o jovem.

“Você estava jogando moedas na rua para ver as pessoas catarem,” disse o Marquês.

“Isso aí. Você compra toda a cerveja que você pode pegar, e aí joga comida pras galinhas. Ah, maldita palavra ‘galinha’, e ‘frango’, ‘pena’, ‘galo’, ‘ovo’, e tudo o que tem a ver com isso!”

“Meu jovem,” disse o Marquês, com delicadeza, mas com dignidade, “não peço a sua confiança, mas fico à disposição para ouvir. Conheço o mundo, conheço a humanidade. O homem é meu objeto de estudo, embora eu não o observe como os olhos do cientista observam um besouro, ou como o filantropo olha os alvos de sua generosidade — através de um véu de teoria e ignorância. Por prazer e distração, eu me interesso pelos infortúnios complexos e peculiares que os meus companheiros sofrem em função da vida na cidade grande. Você deve conhecer a história daquele glorioso e imortal soberano, o Califa Harun Al Rashid, a quem as suas sábias e beneficentes excursões entre as pessoas da cidade de Bagdá permitiram o privilégio de aliviar tantas das angústias de seu povo. À minha humilde maneira, eu sigo os

passos dele. Saio em busca de romance e aventura nas ruas da cidade — e não em castelos em ruínas ou em palácios deteriorados. Para mim, a magia mais maravilhosa é aquela que acontece nos corações dos homens quando operada pelas várias e furiosas forças de uma grande população. Acredito que há uma história por trás do seu comportamento estranho essa noite. Leio na sua atitude algo mais profundo que o desperdício arbitrário de um perdulário. Vejo em seu semblante os traços específicos de um sofrimento, de um desespero que lhe consome. Repito — fico à disposição para lhe ouvir. Não estou desprovido de certo poder de aliviar e aconselhar. Pode confiar em mim.”

“Nossa, como você fala!”, exclamou o jovem, e um brilho de admiração ofuscou por um momento a tristeza em seus olhos. “Você reduziu a Biblioteca Astor a uma sinopse dos capítulos anteriores. Tô lembrado daquele velho turco de quem você tá falando. Eu lia *As mil e uma noites* quando era criança. Ele era uma mistura de Bill Devery com Charlie Schwab. Mas você pode abanar panos de prato encantados e fazer gigantes *coon*⁸ saírem de dentro de garrafas de bronze numa fumaça a noite toda que eu nem ligo. O meu caso não se resolve com esse tipo de tratamento.”

6 “Gostaria de ouvir sua história,” disse o Marquês, com seu sorriso altivo e sério.

“Vou tentar te vender o resumo da ópera,” disse o jovem, suspirando, “mas acho que você não vai poder me ajudar em nada. A não ser que você seja fera em adivinhação, pode voltar pro Bósforo no seu tapete mágico.”

A HISTÓRIA DO JOVEM E O ENIGMA DO CORREEIRO

“Há cinco anos trabalho na correaria do Hildebrant na rua Grant. Ganho \$18 por semana, uma quantia suficiente para alguém poder se casar, não é mesmo? Pois é, não vou me casar. O velho Hildebrant é um alemão tipo engraçadinho — sabe como é — sempre contando piada tosca. Ele é cheio dos enigmas e coisas que ele plagiou do bisavô dos Rogers Brothers. Bill Watson também trabalha lá. Bill e eu temos que aturar essas piadas todo santo dia. Por que a gente aguenta? É que emprego não dá em árvore. E também tem a Laura.

“O quê? A filha do velho. Ela vai lá na loja todos os dias. Tem uns dezenove anos, e é a própria loura do rochedo do Reno que atrai os pescadores para o turbilhão das águas. Cabelos cor de palha e olhos pretos e brilhantes que nem graxa — dá para imaginar?”

“Eu? Olha, sou eu ou o Bill Watson. A Laura trata nós dois do mesmo jeito. O Bill é alucinado por ela. E eu? Olha, você me viu cobrindo de prata a estrada da Great Maroon Way

agora à noite. Tudo por causa da Laura. Eu tava bebaço, Vossa Alteza, sei lá o que eu tava fazendo.

“Como? Ora, o velho Hildebrant falou pra mim e pro Bill essa tarde: ‘rapazes, eu uma enigma tenho para vocês gehabt haben. Se o moço não consegue uma enigma antworten, ele não ser muito bom de negócio pra sustentar ein família, — não é mesmo — hein?’ Aí ele nos manda essa charada — uma adivinha, como se diz —, rindo por dentro, dá um prazo até amanhã de manhã pra gente responder. E disse que aquele que adivinhar a resposta vai na casa dele na quarta à noite pra festa de aniversário da filha dele. Isso significa que um de nós dois vai ficar com a Laura, pois ela com certeza tá ansiosa pra arrumar um marido, e vai ser ou eu ou o Bill, porque o velho Hildebrant gosta de nós dois, e ele quer que ela se case com alguém que toque os negócios depois que ele bater as botas.

“A charada? Então, era o seguinte: ‘Qual é a galinha que tem a postura que dura mais tempo?’ Vê se eu posso com isso! Qual é a galinha que tem a postura que dura mais tempo? Tinha que ser coisa de alemão brincar com a felicidade de um homem com uma proposta tola como essa. Me diz pra que isso? O que eu não sei sobre as galinhas encheria um monte de chocadeiras. Você diz que tá fazendo igual o cara lá das antigas que doou — aquelas bibliotecas em Bagdá. Pois então, quero ver você dar um assobio e chamar uma fada que resolva essa pergunta da galinha — pode ser ou não?”

Quando o jovem terminou de falar, o Marquês levantou-se e andou de um lado para o outro junto ao banco do parque por vários minutos. Por fim, sentou-se novamente e disse em tom grave e imponente:

“Senhor, devo confessar que, durante esses oito anos em que estive em busca de aventura e aliviando a angústia das pessoas, nunca havia encontrado caso mais interessante e estarrecedor. Receio ter negligenciado galinhas em minhas pesquisas e observações. Quanto aos seus hábitos, seus períodos e modos de postura, suas muitas variedades e cruzamentos, seu tempo de vida, seu —”.

“Nossa, não precisa fazer um drama de Ibsen!”, interrompeu o jovem com um deboche. “As charadas —ainda mais as do velho Hildebrant— não são pra serem resolvidas com coisa séria. São amenidades como aquelas que o Sim Ford e o Harry Thurston Peck gostam de discutir. Mas, por incrível que pareça, não consigo achar a resposta certa. Pode ser que o Bill Watson consiga, ou pode ser que não. Só amanhã pra saber. Mas enfim, Vossa Majestade, de qualquer maneira eu fico feliz que você tenha vindo se intrometer e passar o tempo. Acho que

até o Seu Al Rashid teria dado pra trás se um dos súditos tivesse largado uma charada dessa pra ele. Boa noite, então. Vá em paz, e com tudo o que for de Alá.”

O Marquês, ainda com ar melancólico, estendeu a mão.

“Não tenho palavras para a minha frustração”, disse ele, com tristeza. “Nunca antes me vi incapaz de ajudar de alguma forma. ‘Qual é a galinha que tem a postura que dura mais tempo? É um problema desconcertante. Parece que existe uma galinha chamada Plymouth Rock que...”

“Para com isso”, disse o jovem. “O ofício de Califa é algo muito sério. Suponho que você não acharia nada engraçado defender John D. Rockefeller. Pois bem, boa noite, meu querido.”

Como de costume, o Marquês começou a remexer os bolsos. Tirou um cartão e o entregou para o jovem.

“De toda forma, por favor, aceite isso”, disse ele. “Isso poderá ser útil para você em algum momento.”

“Obrigado!”, disse o jovem, guardando o cartão no bolso sem prestar atenção. “Meu nome é Simmons.”

8

Passa vergonha aquele que insinuar que o interesse do leitor deve concentrar-se totalmente no Marquês August Michael von Paulsen Quigg. Se minha mão falha em manter o caminho que o coração do meu leitor quer seguir, estou realmente perdido. Vamos então dar uma espiada na porta de Hildebrant, o correio, um dia depois.

Os 90 quilos de Hildebrant repousavam em um banco, instalando uma fivela de prata em um gamarra de couro cru.

Bill Watson entrou primeiro.

“Poissentao,” disse Hildebrant, tremendo dos pés à cabeça com sua vaidade de piadista, “achou o resposta? ‘Qual o galinha que tem o postura que dura mais tempo?’”

“Olha... acho que sim,” disse Bill esfregando o queixo de um jeito servil. “Acho que sim, senhor Hildebrant — aquela que vive mais tempo — Não é isso?”

“Nein!”, disse Hildebrant, sacudindo a cabeça violentamente. “Você não acertou o resposta.”

Bill seguiu em frente, vestindo um avental de tecido de colchão e a sua solteirice.

Entra o jovem do fiasco das *Mil e uma noites* — pálido, melancólico, sem esperança.

“Poissentao”, disse Hildebrant, “achou o resposta? ‘Qual é o galinha que tem o postura que dura mais tempo?’”

Simmons olhou para ele com uma ferocidade aborrecida. Deveria xingar aquela montanha de humor pernicioso — xingar e morrer? Deveria — mas havia a Laura.

Obstinado, sem palavras, enfiou as mãos nos bolsos do casaco e se ergueu. Sua mão encontrou o estranho toque do cartão do Marquês. Retirou o cartão do bolso e o encarou como se fosse alguém prestes a ser enforcado olhando para uma mosca pousada. Lá estava escrito com a letra redonda e marcada de Quigg: “Vale um frango assado”.

Simmons levantou a cabeça, com um relampejo no olhar.

“A galinha morta!”, disse.

“Esso!”, exclamou Hildebrant, balançando a mesa com grande alegria. “Ser isso mesma! Você vem para casa meu às 8 horas para o festa.”

REFERÊNCIAS

Henry, O. (2000). A Bird of Bagdad. In O. Henry, *Strictly Business*.
<https://www.gutenberg.org/files/2141/2141-h/2141-h.htm>

Sauer, P. (2019). The History of O. Henry’s “The Gift of the Magi”. *Smithsonian Magazine*.
<https://www.smithsonianmag.com/history/history-o-henrys-gift-magi-180973840/>.
Acesso em: 15 abril 2024.

The Portal to Texas History. (n. d.). O. Henry Collection: About O. Henry.
<https://texashistory.unt.edu/explore/collections/OHENRY/>. Acesso em: 15 abril 2024.

¹ Nossos agradecimentos a Beatriz Viégas-Faria e Carolina Alves Magaldi pela discussão de algumas questões da presente tradução.

² As informações biográficas mencionadas estão no portal da University of North Texas (<https://texashistory.unt.edu/explore/collections/OHENRY/>) e no artigo de Patrick Sauer “The History of O. Henry’s ‘The Gift of the Magi’” (2019), publicado na *Smithsonian Magazine* (<https://www.smithsonianmag.com/history/history-o-henrys-gift-magi-180973840/>). Acesso em: 15 abril 2024.

³ <https://www.nytimes.com/1910/06/06/archives/o-henry-writer-dies-in-a-hospital-ill-so-brief-a-time-that-his-wife.html>. Acesso em: 15 abril 2024.

⁴ No Brasil, “O presente dos magos”, na tradução de Heloisa Seixas (Cosac Naify, 2004), bem como nas traduções de Guilherme Kroll (Balão Editorial, 2019) e de Cristiane Bezerra do Nascimento e Natália Elisa Lorensetti Pastore (revista *Qorpus* – UFSC, vol. 9, n. 2, 2019).

⁵ O filme *O. Henry’s Full House* (20th Century Fox, 1952; no Brasil, *Páginas da Vida*), com narração de John Steinbeck, adapta “The Gift of the Magi”, além de outras quatro narrativas de O. Henry. Essa não é a única adaptação do conto para o cinema, e a lista de filmes produzidos a partir de contos do autor é extensa.

⁶ Além das traduções que já mencionamos, foram publicadas no Brasil: *Histórias de O. Henry* (seleção e prefácio de José Paulo Paes; tradução de Alzira Machado Kawall e José Paulo Paes – Cultrix, 1964), com 22 contos; *A última folha* (tradução de Regina Régis Junqueira – Itatiaia, 1973); *A Última Folha e Outros Contos* (tradução de Marcio Roberto P. da Silva - Hedra, 2011), com 10 contos, e *Contos* (seleção e tradução de Jayme da Costa Pinto – Carambaia, 2016), com 19 contos, entre outras traduções, de contos esparsos. Até onde sabemos, não há, no Brasil, tradução de “A Bird of Bagdad” anterior à nossa.

⁷ A tradução segue o texto de “A Bird of Bagdad” disponível em <https://www.gutenberg.org/files/2141/2141-h/2141-h.htm> (Henry, 2000).

⁸ N.T.: A personagem utiliza, aqui, um termo extremamente racista em sua fala (cf. <https://jimcrowmuseum.ferris.edu/coon/homepage.htm>).